

INSTITUIÇÕES ESCOLARES:

Resgate da memória histórica dos grupos escolares do município de Itabuna (BA)

Raimunda Alves Moreira de Assis¹

Ileonai da Cruz Santana²

Marisa Lima dos Santos³

Grupo de Pesquisa: História, Política e Educação: sujeitos e saberes.

RESUMO

Apresenta o resultado parcial de um estudo sobre a memória das instituições escolares públicas do município de Itabuna- BA. O objetivo principal é analisar o processo histórico de desenvolvimento e organização do Ensino a partir de documentos levantados em diferentes espaços públicos, analisando-os através de uma abordagem qualitativa. Os meios de comunicações locais tratavam com frequência os temas gerais da educação, destacando a necessidade de ampliação do número de escolas e melhoria na qualidade do ensino. Essas duas dimensões ganhavam repercussão no meio da comunidade e entre os políticos, forçando a substituição do modelo de escolas isoladas pelos grupos escolares. O movimento em defesa de uma educação moderna nos moldes dos grupos escolares com novas diretrizes tanto no âmbito do espaço escolar, quanto na forma de organização administrativo-pedagógica.

Palavras - chave: Memória; Instituições Escolares; Ensino.

Introdução

Este texto procura analisar o percurso dos primeiros grupos escolares da rede pública municipal de ensino de Itabuna-BA, identificando as suas características históricas, administrativas, pedagógicas e arquitetônicas. Ele é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a Educação em Itabuna, com vistas a realizar o mapeamento da educação pública no Município, delineando a história das instituições educacionais. Inicialmente, buscou-se fazer o levantamento das fontes documentais, localizando os espaços que abrigavam os mesmos. O desenvolvimento dos estudos insere-se no campo das políticas públicas de educação, área de conhecimento que vem firmando-se paulatinamente mediante a formação do Grupo de Estudo – "História, Política e Educação: sujeitos e saberes", cujo objetivo é reunir pesquisadores, estudantes universitários e professores da Educação Básica para ampliar discussões, fomentar conhecimento nas áreas de história, políticas e de gestão da educação na Região Sul da Bahia.

Memória histórica e instituições escolares: revisitando as categorias de análises

É no contexto das relações com a sociedade, grupos e instituições que o indivíduo está sempre interagindo e construindo as suas próprias lembranças. A rememoração subjetiva se faz na organização das memórias, nos diferentes contextos em que nos relacionamos e na maneira como percebemos e vemos o que nos cerca. Desse complexo de experiências vivenciadas firmamos as nossas lembranças. Alguns autores caracterizam a memória como um ato individual e coletivo (cultural). Halbwachs (2006) a trata como de natureza social, afirmando que ela nasce a partir das interações entre os sujeitos, em um determinado grupo social, e não de indivíduos isolados, e a sua existência é um inegável recurso de resgate para a humanidade.

Numa visão mais objetiva, alguns autores definem a memória como “aquilo de que se lembra”, por exemplo: os fatos, os sentimentos, as sensações, os acontecimentos e significados. Sendo assim, estes elementos formam a história da humanidade que se constrói por meio de diferentes memórias: social, cultural e histórica. Seguindo esta linha de raciocínio os autores abaixo afirmam que:

A memória coletiva está para sociedade, em termos identitários, como a memória individual está para cada pessoa. Aquilo que se chama identidade nacional- ou, de um modo genérico, a identidade social- assenta na memória de um passado comum, ou pelo menos tido como comum. (LOMBARDI; CASIMIRO; MAGALHÃES, 2011)

Entre os estudos sobre memória encontramos contribuições de autores que afirmam ser a memória, um objeto de luta pelo poder entre os grupos, classes e indivíduos. Cabe dizer que esta forma de compreender a memória integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro, definindo o que deve ser lembrado ou esquecido. Nessa perspectiva, a memória se torna um suporte, um instrumento, um objeto de poder, que segundo Le Goff (1996) pode servir aos homens tanto para liberdade quanto a submissão. Ratifica este posicionamento, os estudos de Castanho (2011) quando registra:

Com efeito, a memória é seletiva. Como o são o esquecimento e a aprendizagem. Porém, como o tempo, é também múltipla. Ademais, situa o recordado no tempo, num tempo determinado e em relação com outros fatos e acontecimentos. Constitui, pois, um elemento chave para estruturar essa rede de relações que é o tempo. Uma rede de relações que se configura, de modo interativo, tanto nos indivíduos quanto nos grupos. E em cada um deles, por sua vez, também de modo inter-relacionado, em diversas modalidades ou formas. Neste caso também, como no tempo, não há memória, mas memórias. (FRAGO *apud* CASTANHO, 2011, p.14)

Nessa perspectiva, a memória coletiva é expressa na esfera das instituições, sendo maioria as instituições estatais, e ainda da sociedade civil como: escolas, igrejas, sociedades

históricas, dentre outras. Assim, o estudo sobre instituições escolares torna-se cada vez mais importante para o resgate das memórias históricas sócio-culturais. Para Buffa e Nosella (2009), as pesquisas sobre as instituições escolares trouxeram importantes contribuições para a reconstituição da memória educacional coletiva do País. Afirmam que estes estudos passaram a desenvolver-se a partir da década de 90. Os pesquisadores afirmam que:

Atualmente, os estudos de instituições escolares representam um tema de pesquisa significativo entre os educadores, particularmente no âmbito da história da educação. Tais estudos, realizados quase sempre nos programas de pós-graduação em Educação, privilegiam a instituição escolar considerada em sua materialidade e em seus vários aspectos. A expressão 'cultura escolar' tem sido utilizada como uma categoria abrangente desses estudos. (BUFFA, NOSELLA, 2009, p.17)

Segundo os principais teóricos, deste campo do conhecimento, para realizar uma pesquisa acerca de uma instituição escolar faz-se necessário analisá-la dentro do processo histórico, ou seja, é preciso entender a escola nos seus aspectos: econômicos, culturais, além dos valores que revestem a instituição à sua época. Argumentam ainda que uma pesquisa que segue esses princípios favorece uma nova compreensão do objeto de estudo, possibilitando tanto aos pesquisadores, quanto aos envolvidos ou não na pesquisa, um maior comprometimento e valorização social da instituição. (BUFFA, NOSELLA, 2009.)

As análises de Werle (2004) apontam que as escolas carregam a marca do tempo, espaços e pessoas. Elas são “formas sociais dotadas de organização jurídica e material, cujo estudo envolve a análise de suas origens, gênese, estabilidade, rupturas e processos de formação”. Afirmam ainda, que as escolas são reais do ponto de vista objetivo e subjetivo, pois nelas vivenciamos relações, valores, normas, poder, experiências de lideranças, rivalidades, conflitos e competição.

Metodologia

A pesquisa é caracterizada como qualitativa e de caráter histórico documental. Para desenvolvê-la recorreremos a diferentes fontes documentais, iconográficas e artefatos que nos forneceram informações acerca do processo histórico de implantação e funcionamento dos primeiros Grupos Escolares Municipais de Itabuna.

A opção por esta abordagem é pelo fato da pesquisa qualitativa responder à questões muito particulares e se preocupar em analisar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, sendo apreendidos por aproximações (MINAYO, 1994). Nesta direção encontramos eco nas palavras de Ludke e André (1996), quando afirmam que a pesquisa

qualitativa como abordagem histórica documental considera a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e o sujeito; é descritiva e utiliza o método indutivo, ou seja, tem o processo como foco principal, sendo o objeto de estudo sua fonte direta de dados e o pesquisador o seu principal instrumento.

Para desenvolver a pesquisa foram selecionados, inicialmente, duas escolas: Grupo Escolar Professor Everaldo Cardoso, situado no Bairro São Caetano e o Grupo Escolar José Oduque Teixeira, instalado no Bairro da Mangabinha. A escolha das escolas procedeu-se por meio de critério cronológico de construção dos seus prédios, ou seja, a preferência pelos primeiros estabelecimentos em moldes modernos.

Para levantar os dados recorreu-se a diferentes fontes documentais, como por exemplo: legislações oficiais, pareceres, dados estatísticos, fotografias, jornais de circulação local, atas de reuniões, mensagens e relatórios de inspetores do ensino e de professores. Estes documentos foram localizados no Arquivo Público do Município de Itabuna-BA. Concomitantemente, realizamos visitas ao Centro de Documentação e Memória – CEDOC, localizado na UESC. Os documentos consultados foram fotografados, datados e categorizados de acordo com as notícias encontradas.

A educação no município de Itabuna-BA na década de 1970

Na década de 1970 a sociedade itabunense passava por significativas transformações econômicas e culturais. Sabe-se que o desenvolvimento da Região Cacaueira foi marcado por ciclos econômicos que se interpenetravam em momentos de grandes progressos e de estagnação econômica, resultado de uma economia centrada na monocultura da lavoura cacaueira, sujeita a oscilação do mercado externo, principalmente entre o eixo Ilhéus-Itabuna (CAR-BA, 1997).

O movimento em defesa de uma educação moderna para o município, nos moldes dos grupos escolares, era um sonho que dominava o imaginário coletivo da população itabunense. Assis (2006), autora do livro “A Educação em Itabuna: um estudo da organização escolar (1906-1930)” apresenta um estudo sobre a organização e funcionamento do ensino no município e ao analisar a sua realidade educacional destaca o quadro agudo de carência em que ele se encontrava, especialmente, a necessidade de ampliação do número de escolas e melhoria na qualidade do ensino para combater o analfabetismo.

Ainda segundo a autora, durante um período de 24 anos, o combate ao analfabetismo do município que beiravam os índices de 90% da população adulta, ficou sob a responsabilidade da sociedade civil que organizava muitas campanhas através das igrejas

convocando voluntários para realizar a tarefa de combater o analfabetismo. Em 15 de agosto de 1970, o jornal *Diário de Itabuna* publicou uma iniciativa dessa natureza:

Campanha Alfabetização Instalará Escolas:

O professor Sheley Andrade informou a reportagem do DI que a “Campanha de Erradicação Imediata do Analfabetismo” – CELA, prevê para o dia 15 de setembro próximo a instalação das escolas de alfabetização, acrescentando que durante oito dias serão instruídos os monitores, por uma comissão vinda de Salvador.

Diante ainda que a meta a ser atingida pela CEIA será alfabetizar 12.000 pessoas até o fim do corrente ano, devendo para isso, serem recrutados de 1.000 a 2.000 voluntários e que a principal dificuldade a ser vencida é a disponibilidade de salas destinadas as aulas, nos bairros da cidade. (*Diário de Itabuna*, sexta feira, 07 de agosto de 1970, nº 2.779).

Segundo a pesquisadora, a falta de políticas públicas para a expansão de escolas com a finalidade de atender a população em idade escolar e a qualidade do ensino no município contribuíam para o aumento crescente do analfabetismo. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Censo 1950, aponta que nesse período a população de Itabuna era de 76.307 habitantes, sendo 61% analfabetos. Em 1970, Asmar e Maria Palma (1970) realizam uma pesquisa sobre a Geografia da Microrregião Cacaueira e balizam para o município vizinho de Ilhéus, que disputava prestígio político e cultural com Itabuna, uma população de 134.240 habitantes, sendo 63,20% analfabetos e para Itabuna tinha-se uma população de 113.409 habitantes, com um índice de analfabetos de 42%. (ASMAR e PALMA, 1977, p.86 e 107). Analisando esses dados fica demonstrado que Itabuna se comparado ao município vizinho, de porte econômico e cultural semelhante, apresentava uma realidade educacional confortável no campo educacional.

Naquele momento, sabia-se que esta realidade de baixos indicadores educacionais preocupava a sociedade e os governantes locais. “Os discursos apontavam que alfabetizar e ampliar o grau de escolaridade do povo era condição *se ne qua non* para o desenvolvimento da Nação” (ASSIS, 2008). Alguns artigos publicados no jornal *Diário de Itabuna* da década de 70 documentou os contornos dessa história.

Mobral quer alfabetizar em 1 ano 5 milhões de 12 a 35 anos:

Em 1970, foi realizada uma das maiores campanhas do Mobral, com objetivo de alfabetizar em um ano 5 milhões de pessoas situadas na faixa etária de 12 a 35 anos, por considerarem a mais produtiva do País. Para a primeira etapa de sua campanha pela erradicação do analfabetismo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização escolheu 500 municípios líderes,

atingindo 75 % da população do País. Dentro desse plano o Mobral teria função meramente normativa, a execução dos projetos ficaria a cargo dos municípios, cada responsável educacional de uma região seria representante também do Mobral. O professorado leigo não foi utilizado nesta campanha, o MEC iniciou com uma equipe especializada. (*Diário de Itabuna*, quinta feira 20 de agosto de 1970).

Constata-se, entretanto, que a imprensa tratava a questão do analfabetismo como um caso de responsabilidade da sociedade e, portanto, deveria existir um esforço coletivo para combatê-lo, expandindo-se por todo o território nacional. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) em Itabuna incorpora esse espírito de trabalho coletivo, em defesa de desanalfabetizar o País, como se pode comprovar através desse artigo do *Diário de Itabuna*, de 12 de agosto de 1970.

Lançada Ontem em Itabuna Campanha contra Analfabetismo:

Foi lançada ontem em Itabuna, a Campanha da Erradicação Imediata do Analfabetismo – CEIA – em solenidade realizada, às 20 horas, no Colégio Ação Fraternal de Itabuna.

A CAMPANHA

Falando à reportagem, o padre Sheley Andrade informou que a solenidade foi promovida pela nova Associação de Assistência Social Mater, comparecendo sacerdotes, professores, freiras e estudantes.

A campanha pretende dentro de poucos dias mobilizar um batalhão de voluntários para a pacífica luta da civilização e da cultura que os governos Estadual e Federal preparam – disse o padre Sheley. E juntou: “Este corpo de voluntários será composto de estudantes da quarta série e ginásial e do segundo ciclo e de professores, universitários, sacerdotes, médicos, advogados e de quantos compreendam o alto alcance de tão benéfico trabalho”.

APOIO

Continuando, afirmou o Padre Sheley Andrade: “As entidades públicas solicitaremos todo o apoio para que dêse trabalho surja uma nova Itabuna”. (*Diário de Itabuna*, quarta-feira, 12 de agosto de 1970, nº 2.783, ano XIII)

Com essa realidade no município, de altos índices de analfabetismo, falta de escolas modernas e baixa qualidade no ensino era importante propor iniciativas que buscassem promover soluções para os problemas educacionais, que de acordo a imprensa da época e o imaginário coletiva da população, a solução para o ensino seria a construção de grupos escolares, símbolos da modernidade e progresso. Dessa forma, torna-se relevante o estudo para a recuperação da memória dos primeiros grupos escolares da rede pública municipal implantados em Itabuna, trabalho que será apresentado parcialmente neste artigo.

Grupo Escolar Professor Everaldo Cardoso – Itabuna/BA: história e memória

Nesse momento histórico, o Município de Itabuna era considerado “aquele” que mais se desenvolvia na Região e a educação se impunha como a principal arma para garantir a nova ordem econômica e cultural que se vislumbrava para a Região Cacaueira. Assim, como forma de dar resposta as exigências da população local, em 1971 começou a substituição do modelo de escolas isoladas que predominava na cidade. Estas escolas eram pequenas salas de aulas instaladas nos mais variados espaços, geralmente cedidas ou alugadas pela Prefeitura e ofereciam educação elementar as crianças, jovens e adultos. Caracterizava-se por ser uma única classe em que o professor ministrava aulas para alunos de diferentes séries, denominadas também de classes multisseriadas ou heterogêneas.

O outro tipo de escola que predominava na rede de ensino do município era as Escolas Reunidas. Segundo Assis (2006), essas escolas incorporavam até quatro professores das escolas isoladas. Elas funcionavam num mesmo espaço físico, mas continuavam independentes entre si. Nessa época, o Bairro São Caetano possuía 04 Escolas Reunidas, a saber:

Tabela 1 – Escolas Reunidas do Bairro São Caetano

Escolas Reunidas do Bairro São Caetano	Ano	Total de alunos
Estabelecimentos Reunidos do São Caetano	1970	116
Escola Reunida do São Caetano	1971	80
Estabelecimento Everaldo Cardoso	1972	122
Estabelecimento Everaldo Cardoso “agrupada”	1974	88

FONTE: Atas de resultados finais e diários de classes da Escola

O Estabelecimento Reunidos do São Caetano agregava quatro turmas; a Escola, Reunidas do São Caetano três turmas; o Estabelecimento Everaldo Cardoso com quatro turmas e o Estabelecimento Everaldo Cardoso “Agrupada” também quatro turmas. Todos estes estabelecimentos de ensino possuíam uma média de 28 a 36 alunos por turma e todas as classes eram ministradas por uma única professora. Não constava no quadro de funcionários nenhuma pessoa para administrar o local. Cada professor era responsável pela limpeza e condução pedagógica da sua classe.

Assim, as várias escolas reunidas passaram a compor o Grupo Escolar do São Caetano. No primeiro ano de funcionamento, existiam vinte turmas distribuídas entre 1ª a 4ª series. A escola funcionava no turno matutino e vespertino. Esse número de classes manteve-se com regularidade até o ano de 1978. O ensino noturno foi implantado no ano de 1978,

modalidade identificada através dos diários de classes pesquisados, uma das poucas fontes documentais que ainda se encontram no arquivo da Escola. Essas classes aparecem com várias denominações: esquema 1 e esquema 2, alfabetização, suplência, supletivos, entre outros.

Nos diferentes momentos da trajetória das escolas isoladas, até a construção do Grupo Escolar, muitas professoras dedicaram-se a árdua função de organizar o processo de ensino e a tarefa de ministrar aulas. Preocupadas em preservar os sujeitos que fizeram parte da construção histórica da escola, considerou-se importante o registro dos seus nomes como possibilidade de demonstrar o reconhecimento à aqueles que viveram, de forma singular, a história da educação do Município de Itabuna.

Tabela 2–Relação das Professoras do Grupo Escolar Prof. Everaldo Cardoso:1970-1975

ANO	NOME DA ESCOLA	NOME DO PROFESSOR
1970	Estabelecimentos Reunidos do São Caetano	Adalgisa Cerqueira de Oliveira; Ermozina Etiene Marli Oliveira
1971	Escolas Reunidas do São Caetano	Adalgisa Cerqueira de Oliveira; Jordelina Felix Jaci Nascimento Santos
1972	Estabelecimento Everaldo Cardoso	Adair Ferreira dos Santos ; Rivete Lins de Almeida; Maria Irene O. Nascimento; Maria Irene O. Nascimento; Jaci Nascimento Santo
1973		Não foi identificado
1974	Estabelecimento Everaldo Cardoso “agrupada”	Abdiney Almeida Melgaço; Maria Irene Olívia Nascimento
1975	Grupo Escolar São Caetano	Clara Salvador Vidal Guimarães; Erivalda G. de Oliveira; Ednelza Souza de Jesus; Jordelina Felix Kruschewsky; Adalgisa Cerqueira de Oliveira

FONTE: Atas de resultados finais e diários de classes da Escola

Nesse momento, o quadro docente da escola era formado por 15 professoras diplomadas. Todas pertencentes à rede pública municipal de ensino e que, geralmente, trabalhavam 40 horas semanais, distribuídas nos três turnos: matutino, vespertino ou noturno. Neste registro, assinala-se a competência e o compromisso inquestionável dos mestres que muito contribuíram para o desenvolvimento do estabelecimento, constituindo-se num importante espaço educativo.

Em 1975, as Escolas Reunidas passaram a constituir o Grupo Escolar São Caetano, estruturado com 10 salas de aula, localizado na Rua Floresta. Com o passar dos anos, o atual colégio já não atendia a demanda escolar das crianças dos 07 aos 14 anos residentes no Bairro. Assim, as autoridades locais empreenderam outra reforma, visando a ampliação de

novas salas de aula com o objetivo de atender ao público alvo do Ensino Primário. E em 19 de março de 1983, o Grupo Escolar São Caetano foi reinaugurado e renomeado como Grupo Escolar Professor Everaldo Cardoso, em homenagem ao professor e Secretário de Educação da época, Everaldo Cardoso. Contudo, o ato de funcionamento do Grupo Escolar somente foi publicado três anos após sua reinauguração, através do decreto 3.740 de 15 de agosto de 1986.

Considerações finais

A história da educação do Município de Itabuna apresenta um cenário de pouco investimento no campo da educacional neste período. Os estudos até então realizados apontam que até a década de 1930 as primeiras escolas eram mantidas pela sociedade, ou seja, pela iniciativa privada e algumas entidades da sociedade civil organizada. Contudo, “Os discursos apontavam que alfabetizar e ampliar o grau de escolaridade do povo era condição *se ne qua non* para o desenvolvimento da nação” (ASSIS, 2008).

A discussão pelo combate ao analfabetismo dominava o cenário nacional e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) constituiu-se no programa oficial de combate ao analfabetismo espalhando-se por todo território nacional, durante a década de 70. Nesse período, o município de Itabuna passava por significativas transformações econômicas e culturais e apropriou-se do discurso desenvolvimentista que dominava a Nação pela via da educação. A imprensa local anunciava a necessidade de ampliação do número de escolas e melhoria na qualidade do ensino, como também formar um esforço coletivo para combater o analfabetismo, “chaga nacional” que envergonhava a Nação. Assim, formava a opinião da população e convocava-a para trabalhar de forma voluntária, integrando-se ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em favor dos jovens e adultos analfabetos, cujo índice se encontrava superior a 40%. Alguns artigos publicados no jornal da cidade *Diário de Itabuna*, nessa década, documentou que as igrejas convocavam voluntários para realizar a tarefa de também combater o analfabetismo.

O Grupo Escolar Prof. Everaldo Cardoso em 1971 surge como componente do desenvolvimento do Bairro, com a finalidade de ampliar a formação educacional de seus moradores, com a substituição do modelo de escolas isoladas que predominava no Bairro por Escolas Reunidas. Reinaugurado em 1975 nos moldes dos grupos modernos, com cursos graduados em salas específicas e professores ministrando aulas para uma única série. Enfim, espera-se que a construção do itinerário do grupo escolar descrito contribua para uma análise

do processo histórico e da organização do Ensino, dando sentido a trajetória educacional do município de Itabuna-BA, no período de 1970 à 1980.

1. Pedagoga, doutora em Educação, atua no Departamento de Ciências da Educação da UESC. Autora do livro: A educação em Itabuna: um estudo da organização escolar(1906-1930), publica em revistas e periódicos científicos na área da Educação. Pesquisa financiada pela FAPESB e ICB. Email: assisraimunda@hotmail.com
2. Discente do curso de Pedagogia do 7º semestre da UESC. Bolsista de iniciação científica da ICB. Email: i-nanay@hotmail.com
3. Discente do curso de Pedagogia do 7º semestre da UESC. Bolsista de iniciação científica da FAPESB. Email: marisa-ios@hotmail.com